
**PRÁXIS ARQUEOLÓGICA E FOTOGRAFIA NO ESTUDO DA GRÉCIA ANTIGA:
A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA ESCAVAÇÃO DO SANTUÁRIO DE APOLO
EM DESPOTIKO, MAR EGEU**

*Juliana Figueira da Hora*¹*Lilian de Angelo Laky*²*Claudio Walter Gomez Duarte*³*Felipe Perissato*⁴**RESUMO**

O olhar do pesquisador arqueólogo para a paisagem que escava (o seu objeto de pesquisa) é traduzido por meio de sua experiência e vivência em campo e da permanente construção e desconstrução dos processos metodológicos e teóricos na prática e na reflexão de sua disciplina – a Arqueologia. A partir da experiência arqueológica de campo, da participação da equipe brasileira na ilha de Despotiko, na Grécia, em junho/julho de 2017, é nossa intenção mostrar, neste artigo, em que medida a fotografia, na *práxis* arqueológica, tem a função de registro do sítio (dos objetos encontrados e da nova paisagem que se revela a cada escavação) e de preservação de memória (do próprio sítio e seus achados e da equipe em determinada campanha de escavação). Em última análise, trata-se de discutir a fotografia como ferramenta fundamental em captar o fazer arqueológico na paisagem do Mediterrâneo e no resgate de um passado refletido no presente. Para tanto, apresentaremos um breve panorama da constituição da Arqueologia Clássica e do Mediterrâneo enquanto disciplina científica no Brasil, assim como um breve histórico da pesquisa arqueológica no santuário de Apolo na pequena ilha de Despotiko, no Mar Egeu. A fotogrametria, uma técnica derivada da fotografia, também será apresentada como uma das ferramentas mais atuais para o registro de construções antigas em escavações.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, Grécia Antiga, Mediterrâneo, Despotiko, Cíclades.

ABSTRACT

All interpretations of excavated landscapes are directly related to the experience of the archeologists in situ and how they construct or deconstruct the objects they discover through the application of various methodologies. Conversely, the methodological process of interpreting material evidence is likewise impacted by

¹ Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. E-mail contato: juliusp10@gmail.com

² Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. E-mail contato: lilian.laky@usp.br

³ Docente em Arqueologia – UNIMES (Universidade Metropolitana de Santos). E-mail contato: claudioduarte@usp.br

⁴ Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. E-mail contato: felipeperissato@gmail.com

archaeological practice in the field. This paper discusses the archaeological fieldwork by a Brazilian team on the island of Despotiko, Greece, in June/July 2017, paying particular attention to the role of photography within archaeological praxis in recording sites (i.e., the objects discovered and the new landscape revealed by each excavation) and preserving memory (of the site itself, the team responsible for the excavation, and its findings). It also shows how photography serves as a fundamental tool for capturing the archaeological activity in the Mediterranean landscape and for rescuing a past that has been constructed in the present. Likewise discussed will be photogrammetry – a technique derived from photography – which has been used in recent years for registering ancient structures at excavation sites. Finally, the paper will offer a brief overview of the origins of Classical archaeology and Mediterranean archaeology as scientific disciplines in Brazil, as well as a summary of the archaeological research conducted at the sanctuary of Apollo on the Aegean island of Despotiko.

KEYWORDS: Archeology, Ancient Greece, Mediterranean, Despotiko, Cyclades.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos a primeira experiência brasileira de escavação arqueológica realizada em cooperação direta com os gregos, portanto com a Superintendência de Antiguidades Gregas das Ilhas Cíclades. Trata-se de uma vivência das práticas arqueológicas, sobretudo de escavação e registro fotográfico, a partir da experiência arqueológica de campo, que trouxeram à tona as questões relacionadas com a paisagem, espaço, memória e preservação do sítio. Além disso, pretende-se explorar os limites e possibilidades da utilização do recurso fotográfico como instrumento para a modelagem tridimensional (a fotogrametria) na composição da documentação arquitetônica do registro arqueológico.

ARQUEÓLOGOS BRASILEIROS EM ESCAVAÇÕES NA GRÉCIA

A participação brasileira em escavações na Grécia iniciou-se nos anos 1960, primeiro com o Prof. Dr. Ulpiano Bezerra de Meneses (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP) e, em seguida, com a Profa. Dra. Haganuch Sarian (Museu de Arqueologia e Etnologia - USP), ambos membros da Escola Francesa de Atenas, instituição estrangeira dedicada aos estudos arqueológicos na Grécia. A Profa. Sarian é responsável pela pesquisa e publicação dos achados arqueológicos encontrados no santuário dedicado

à Hera na ilha de Delos. Durante seus trabalhos no local, muitos de seus estudantes de pós-graduação puderam participar das escavações e aprender sobre a prática arqueológica. A ilha de Delos não é habitada desde a Antiguidade e hoje pode ser considerada um museu a céu aberto, onde barcos deixam e buscam diariamente centenas de visitantes que percorrem a ilha para conhecer as ruínas do outrora santuário de Apolo, o mais importante dessa região grega. Desde o século XIX, os franceses detêm a autorização do Ministério da Cultura da Grécia para escavar e publicar os achados arqueológicos encontrados no local, bem como ajudar na manutenção e preservação da imensa área arqueológica. É por ser membro da Escola Francesa de Arqueologia de Atenas, que a Profa. Sarian obteve autorização para realizar investigações arqueológicas no santuário da deusa Hera localizado na ilha. Trata-se esta de uma característica do fazer arqueológico em países do Mediterrâneo, que abrigaram importantes culturas, como é o caso da Grécia e da Itália. Além do próprio Serviço Arqueológico Grego ou Italiano, diversos países europeus e norte-americanos possuem escolas ou institutos de Arqueologia tanto em Atenas quanto em Roma, os quais, após obterem autorização dos governos, puderam iniciar pesquisas arqueológicas em determinado sítio arqueológico do país. Apesar de possuir representação diplomática na Grécia, o Brasil não possui uma escola ou instituto de pesquisa locais. Por essa razão, tem sido um costume dos estudantes e pesquisadores brasileiros estagiar em algum instituto estrangeiro de Arqueologia em Atenas para participar de uma escavação. Muitos deles obtiveram formação em um dos principais centros de pesquisa do Brasil na área de Arqueologia do Mediterrâneo, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, que tem se destacado por formar pesquisadores de reconhecimento tanto no âmbito nacional quanto internacional.

O APRENDIZADO *IN LOCO* E AS PERSPECTIVAS DO ARQUEÓLOGO CLÁSSICO NO BRASIL

As perspectivas da disciplina dependem da capacidade de reagir frente às novas realidades que a cercam (FUNARI, 2011, p. 216). Essa capacidade mostra-se real para a Arqueologia Clássica nos dias atuais. As oportunidades de intercâmbio entre pesquisadores nacionais e estrangeiros fazem com que os laços sejam estreitados, diminuindo o abismo entre o fazer arqueologia clássica no Brasil e as pesquisas *in loco*, seja com material nos acervos europeus, seja no acesso aos sítios arqueológicos antigos, além de perspectiva de

projetos, entre outros ganhos. Esse contato, o diálogo e a relação de troca de ideias vêm crescendo e as parcerias tornam-se substanciais e por consequência a possibilidade da aplicação de métodos, técnicas e a derrubada de tabus. A Arqueologia Clássica no Brasil tem a capacidade de sair dos gabinetes, ir a campo e pensar a materialidade sob uma perspectiva diferenciada da linha europeia, trazendo uma contribuição bastante enriquecedora para a área no país.

De acordo com Haiganuch Sarian (2013), em suas considerações sobre a Arqueologia Clássica e a trajetória de pesquisas no Brasil, existe uma via de mão dupla na disciplina, ou seja, a Arqueologia Brasileira tem uma importância valiosa na preparação dos arqueólogos clássicos em trabalhos de escavação, e a Arqueologia Clássica, por outro lado, vem trazendo, dentro de suas especificidades, procedimentos e correntes teóricas e metodológicas que podem ser aplicadas nos estudos arqueológicos brasileiros. Sarian (2013, p. 28) considera também que:

[...] [a] Arqueologia Clássica tem muito a oferecer à Arqueologia Brasileira no tocante ao estudo da cultura material fundamentado entre os classicistas em experiência de longuíssima tradição. Pesquisas e publicações de referência sobre os mais variados artefatos, sobretudo no domínio da ceramologia, indicam caminhos, com resultados à mostra, a serem percorridos, ressaltando-se bem entendido as características de uma e outra disciplina. O mesmo se pode dizer de temas relevantes, entre os quais se destacam o estudo de arqueologia das práticas mortuárias, de arqueologia da imagem e de arquitetura.

Para os estudos realizados com o material em acervo, o papel das coleções de museus foi fundamental como marco de institucionalização do saber arqueológico no Brasil entre o século XIX e o início do século XX. As coleções egípcias e greco-romanas do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista e as coleções da Arqueologia Mediterrânea no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) foram determinantes para o estabelecimento do processo de pesquisas no Brasil. A atuação em coleções aproximou a Arqueologia Clássica dos estudos arqueológicos brasileiros como forma de compreensão e interpretação do legado arqueológico no Brasil (CERQUEIRA, 2013, p. 58-59).

A Arqueologia Histórica Brasileira desenvolveu-se a partir da Arqueologia Histórica Europeia, no período moderno, trazendo o legado da tradição mediterrânea ligada ao colecionismo e aos documentos escritos, enquanto que a Arqueologia Pré-Histórica esteve ligada à Antropologia (PORTO, 2008, p. 140). A Arqueologia Brasileira foi dividida em dois

ramos disciplinares: Arqueologia Histórica e Arqueologia Pré-Histórica. A Arqueologia Histórica no Brasil iniciou um processo de desenvolvimento tardio, na década de 1960 (SYMANSKY, 2009, p. 9). Segundo Pedro Paulo Funari (2013, p. 25), a Arqueologia Histórica desenvolveu-se nos moldes das missões jesuíticas no Sul do Brasil, buscando descobrir como os índios Guarani e os padres missionários conviviam, a partir de documentos escritos.

A Arqueologia Histórica tem como procedimento o uso de documentos escritos, legado de uma tradição clássica europeia, que, de acordo com Trigger (2004), esteve baseada nos registros escritos como confirmadores históricos de eventos ocorridos. Segundo o autor:

Nas civilizações clássicas da Grécia e de Roma, a produção de histórias narrativas reais baseadas em registros escritos, assim como o interesse por práticas religiosas, costumes locais e instituições civis, apenas esporadicamente se faziam acompanhar por um interesse pelos vestígios físicos do passado. O historiador grego Tucídides observou que alguns túmulos escavados em Delos, quando a ilha foi purificada, no século V a. C., pertenciam a cários, porquanto continham armas e armaduras que se pareciam com as dos cários de seu tempo. (TRIGGER, 2004, p. 29-30).

Para Bonfá (2016, p. 29), o não pertencimento ao eixo central europeu dos estudos clássicos foi o fator determinante e coloca o Brasil em uma posição favorável a perceber as civilizações antigas de maneira diferenciada, podendo contribuir com outras perspectivas inovadoras sobre a temática.

O SANTUÁRIO DE APOLO NA ILHA DE DESPOTIKO – PROJETO GERAL

No centro do arquipélago das Cíclades, Despotiko é uma pequena ilha situada a somente 700 metros de Antíparos, a sudoeste de Paros (Fig. 1 e 2). Inabitada, seus únicos “residentes” permanentes são as cabras de um pastor local, mas sob suas terras pedregosas e áridas reside um importante sítio arqueológico (KOURAYOS, 2015, p. 89). As primeiras intervenções arqueológicas ocorreram no século XIX por Christos Tsountas, tendo revelado tumbas do Período Cicládico (cerca de 3000 a. C.). Após a descoberta, uma

equipe de arqueólogos liderada pelo então éforo de Antiguidades da Grécia, Nicolaos Zapheiropoulos, realizou uma nova prospecção na área denominada Mandra, planície ao norte da ilha, quando foram revelados uma câmara e um pequeno conjunto arquitetônico com características dóricas próprias do Período Arcaico (KOURAYOS, 2012, p. 16). Zapheiropoulos havia datado o cômodo como pertencente ao período romano e os fragmentos dóricos como partes reincorporadas nas paredes da estrutura. No entanto, a pesquisa posterior demonstrou que o cômodo se tratava de uma parte pertencente a um edifício muito mais antigo.

Assim, somente em 1985 uma equipe da Universidade Técnica de Munique, formada pelos arquitetos G. Gruben, M. Schuller, K. Schnieringer e A. Ohnesorg, visitou a área de Mandra e realizou os primeiros estudos de Arquitetura do suposto edifício arcaico, cuja singularidade das características estilísticas puderam datá-lo como pertencente a aproximadamente 500 a. C. (KOURAYOS, 2012, p. 16; SCHULLER, 1985, p. 319-398).

Até o momento, as intervenções tinham sido somente pontuais. A grande reviravolta viera a partir de uma nova intervenção realizada em 1996 por um time do 21º Eforato de Antiguidades Pré-históricas e Clássicas, liderado pelo arqueólogo Yannis Kourayos. Uma prospecção de superfície realizada em Mandra revelou uma série de fragmentos de mármore antigo e evidências de paredes. A partir dos dados coletados, uma longa escavação sistemática foi organizada e iniciada em 2001, a qual ainda se encontra em progresso, contexto que inclui a nossa participação aqui relatada. Em um dado momento das escavações, um suntuoso santuário foi desvelado, cujas evidências materiais puderam esquematizar a cronologia de seus edifícios e datá-lo como pertencente ao Período Arcaico (VIII – VI a. C.). Além disso, as cerâmicas inscritas, encontradas em grande número no sítio, puderam indicar que o santuário foi dedicado a Apolo e provavelmente a Ártemis no Período Arcaico. O local ainda recebeu dedicações à Héstia Ístmia no Período Clássico (KOURAYOS, 2012, p. 18-19).

É interessante notar, conforme nos informa Kourayos (idem, 2012, p. 11) que há uma completa lacuna de menções ao santuário nos textos antigos e até mesmo nas fontes epigráficas, restando somente rápidas citações da ilha (sob o antigo nome de “Prepésinthos”) feitas pelos geógrafos antigos Estrabão (Geografia, 10, 10) e Plínio O Velho (História Natural, 4, 22). Os estudos com as fontes arqueológicas indicam que o santuário em Despotiko pertenceu à pólis de Paros, tendo desempenhado um papel vital no cenário

religioso das Cíclades até o fim de seu funcionamento durante o Período Helenístico (KOURAYOS, 2015, p. 93). Vale notar também que durante as escavações sistemáticas foi encontrada uma série de fundações de edifícios nos arredores do santuário, cuja datação ainda está por ser feita e requer estudos mais aprofundados.

De toda forma, os importantes achados arqueológicos revelaram a riqueza que compunha o santuário em seu período de apogeu. Tanto uma rica coleção de oferendas votivas (vasos, estatuetas, joalherias, pedras de selo, ferramentas, armas etc.) quanto uma grande quantidade de fragmentos de estátuas *kouroi* do Período Arcaico foram descobertos, revelando a suntuosidade e a importância do santuário na Cíclades (idem).

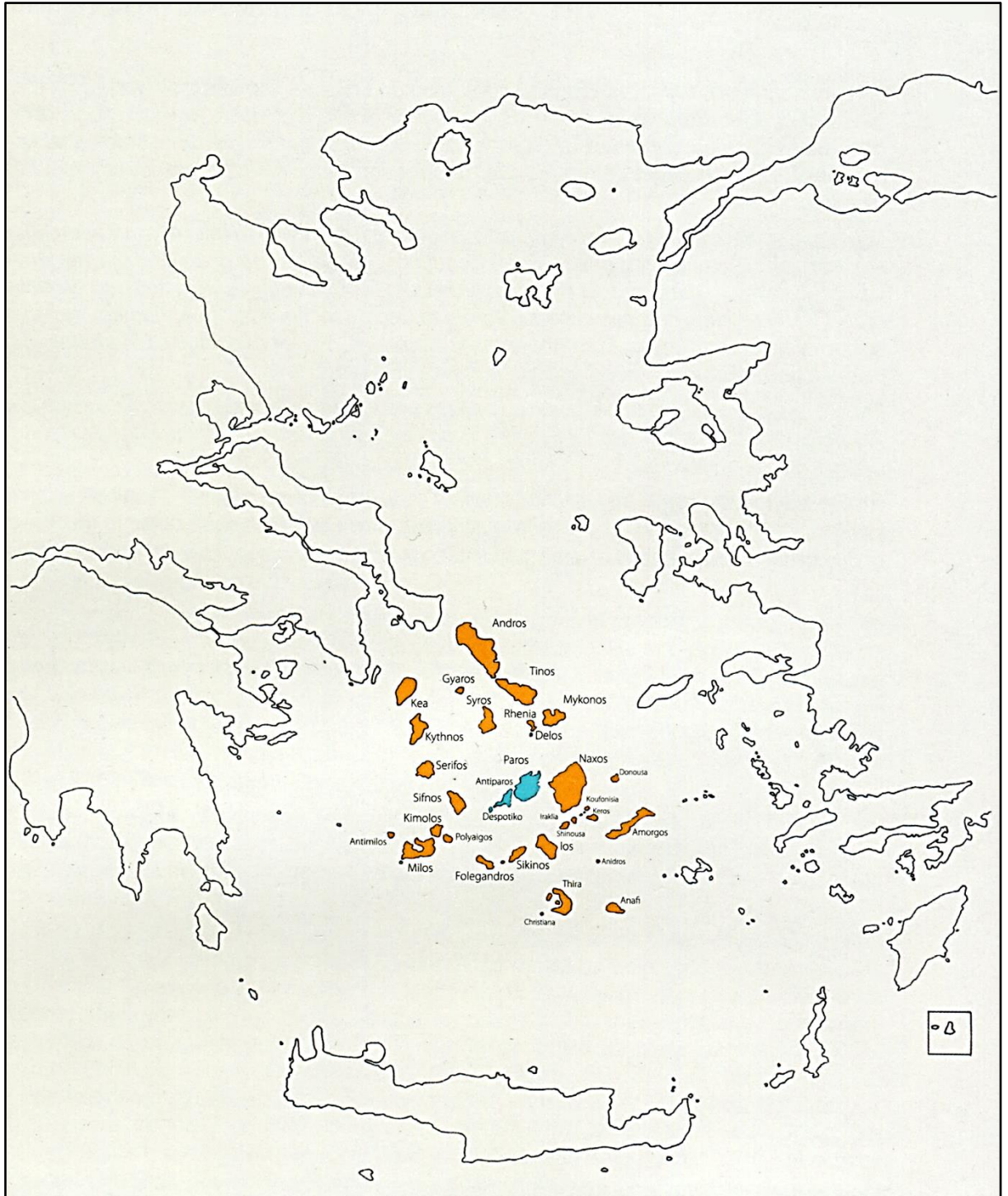


Fig. 1. Mapa da Grécia com destaque às ilhas Cíclades (em laranja) e às ilhas de Paros, Antíparos e Despotiko (em azul).

Fonte: Kourayos, 2012, p. 10.



Fig. 2. As ilhas de Paros, Antiparos e Despotiko.
Fonte: Kourayos, 2012, p. 10.

FOTOGRAFIA NA ARQUEOLOGIA: SUA FUNÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO E A CAMPANHA BRASILEIRA EM DESPOTIKO, 2017

Na prática arqueológica de campo, a fotografia tem a função de registro e, portanto, de documentar cada etapa da escavação e os vários tipos de objetos arqueológicos encontrados. O registro fotográfico tem grande valor na pesquisa arqueológica, pois documenta cada dia e semana dos avanços da escavação propriamente dita, ou seja, cada metro escavado no terreno, cada estrutura ou achado que aos poucos vai se revelando ou não na superfície. Ainda que desenhos sejam realizados na documentação/registro em escavações, a fotografia, desde sua invenção, tornou-se parte integrante da *práxis* arqueológica. É preciso dizer que, como o ato de escavar implica também, em certa medida, em uma destruição ou certa modificação no terreno dos estratos anteriormente escavados, a fotografia, portanto, permite “guardar” cada momento da interferência do

arqueólogo naquele espaço, escolhido por ele, a partir de muitos critérios (tal como o de potencial arqueológico da área), de modo que esse registro possa ser, após o final da escavação ou períodos muito posteriores, consultados no momento da elaboração do relatório de pesquisa ou, em última instância, na construção do conhecimento final sobre dado sítio arqueológico.

Além do registro da área de escavação – as transformações ocorridas no terreno –, a fotografia tem a função de documentar tudo aquilo que é revelado ao se escavar: estruturas construídas e tipos de objetos encontrados (Fig. 3 e 4). Todo e qualquer tipo de objeto arqueológico encontrado durante a escavação é reunido e registrado com o número da quadra (certa área determinada a se escavar) e da camada ou estrato escavado. Sacos e sacos com tais objetos – no caso de Despotiko, a maior parte são cacos cerâmicos de potes usados nos rituais a Apolo no santuário – são lavados ali mesmo, no sítio arqueológico, e postos para secar (Fig. 5). Após esse processo, todos os cacos cerâmicos e outros tipos de objetos são fotografados e, posteriormente, são selecionados os mais preservados, os quais podem auxiliar na datação da camada arqueológica de que foram retirados. É assim que o arqueólogo pode ir elaborando e conhecendo a cronologia da área arqueológica que está escavando. Os objetos selecionados são, então, levados ao museu do sítio ou da cidade mais próxima e lá são fotografados um a um, com o registro da quadra em que foi encontrado.



Fig. 3. Arqueóloga brasileira evidenciando muro de uma edificação dentro do santuário de Apolo, em Despotiko

Foto: Vagner Porto/Acervo Labeca – MAE-USP (2017).



Fig. 4. Vista panorâmica das estruturas arquitetônicas escavadas em 2017; ao fundo templo de Apolo e sua restauração.

Foto: Juliana Hora/Acervo Labeca – MAE-USP (2017).



Fig. 5. Arqueóloga brasileira arrumando material cerâmico encontrado para secar após sua lavagem.

Foto: Vagner Porto/Arquivo da equipe brasileira em Despotiko (2017).

Nesse sentido, vai-se formando uma documentação fotográfica de cada campanha de escavação, que preserva e documenta o sítio arqueológico, desde os maiores remanescentes (construções de antigas edificações) até aqueles menores (minúsculos cacos cerâmicos etc.). A cada ano de escavação, a paisagem vai se modificando, pois novas estruturas se revelam no sítio a cada intervenção (Fig. 4). É a fotografia que tem o

papel de preservar essa memória, além de preservar, também, a história da campanha de cada pesquisa arqueológica, os especialistas e trabalhadores que ali se envolveram e contribuíram para revelar mais um pouco da história do lugar (no nosso caso, em Despotiko, os sete brasileiros e as outras equipes de ao menos cinco países além dos próprios gregos).

PRÁXIS ARQUEOLÓGICA E A FOTOGRAFIA

Conforme discutido até aqui, o uso da fotografia pela equipe brasileira teve uma importância fundamental nas escavações de Despotiko, em 2017, seja documentando o trabalho realizado em campo, seja registrando sistematicamente estruturas arquitetônicas para a modelagem tridimensional (fotogrametria), como veremos no tópico seguinte. Nesse sentido, é possível inferir que os dois tipos de registro fotográfico abordados aqui nada mais são do que fontes primárias da *práxis* arqueológica, oferecendo desde informações sobre os procedimentos de pesquisa a dados atualizados sobre os estágios da escavação.

Afinal, a documentação fotográfica está no cerne da prática arqueológica desde a formalização da disciplina, em meados do século XIX. A fotografia chegou como um novo instrumento para as práticas arqueológicas, uma vez que seus atributos seriam capazes de “ilustrar” o passado buscado pelos pesquisadores. Não é uma coincidência que a Arqueologia e a fotografia tenham começado a florescer em meados do século XIX, afinal ambas trazem à tona a modernidade. De acordo com Shanks e Svabo (2013, p. 2), a partir do final do século XVIII, os estudos arqueológicos começaram a surgir nos museus europeus modernos, preenchendo também as grandes lacunas da história humana abertas pela nova longa cronologia secular da evolução biológica e cultural humana, quando ficou claro que a historiografia bíblica e clássica não poderia de modo algum explicar os relatos completos da história antiga da Europa, independentemente dos outros países do mundo sujeitos aos interesses de pesquisa do continente.

A fotografia como uma técnica de criar documentos imagéticos, a fim de precisar objetos, paisagens, contextos, permite tanto a captação de informações intencionalmente registradas pelo autor quanto a captação de outras informações não previstas (SILVA, MÜTZENBERG, CISNEIROS, 2012, p. 138). Os usos e significados das imagens

fotográficas foram melhor explorados a partir dos anos 1990, com as publicações de Roland Barthes (1984), Dubois (1990), Aumont (1993), Rouillé (2009), Kossoy (1989; 1999), Molyneaux (1997), Samain (2005) e Santaella (1998). A partir dos anos 1990, a imagem visual, enquanto objeto de estudo, segundo Molyneaux (1997), começou a ser compreendida como documento participante do processo de produção de conhecimento científico (SILVA, MÜTZENGERG, CISNEIROS, 2012, p. 138).

Com o passar dos anos, a imagem fotográfica tornou-se digital, vista sem a necessidade de impressão em papel. As imagens podem ser facilmente compartilhadas e disseminadas pela web, o que substituiu os modos tradicionais de apresentação e publicação, como o instantâneo físico ou o álbum. Estes podem ser marcados, anotados e arquivados para a posteridade. A fotografia nunca foi tão instantânea ou descartável, um clique para capturar e outro para excluir (SHANKS e SVABO, 2013, p. 9). De acordo com Shanks e Svabo (2013, p. 1), é possível incluir o campo da prática arqueológica sob a pragmatologia, uma maneira transdisciplinar de compreender as pessoas e as coisas em sua criação. Ontologicamente, o passado está ao nosso redor, misturando-se, fundindo-se e desaparecendo no presente. O passado não existe como uma sequência em qualquer sentido consistente ou coerente ou mesmo como substância do passado, mas como algo remanescente que persiste no tempo em virtude de qualidades de durabilidade.

Todo sítio arqueológico, todo lugar contém vestígios de sua história, porque o passado, em sua materialidade, continua. A duração é um aspecto dessa temporalidade arqueológica, e a memória não é um relato coerente do passado, mas um processo de discretos atos interativos de recordação, momentos presentes que levam a conexões com algo que permanece. A fotografia “é um modo de engajamento entre passado e presente, entre pessoas através de uma imagem caracterizada por uma temporalidade articulada no momento conjuntivo do passado/presente” (SHANKS e SVABO, 2013, p. 13). Quando analisa a imagem e o olhar na relação referente à imagem, Roland Barthes argumenta que não há documento absoluto de verdade, reprodução exata da realidade (BARTHES, 1984, p. 155). A fotografia é instrumento que permite a interferência do agente (fotógrafo) no conteúdo já manipulado e por ele interpretado. Barthes, em seu livro “A Câmara Clara” (1980), aborda a linguagem fotográfica sob o ponto de vista da semiologia e encontra um elemento importante inerente à imagem, o interesse humano, cultural e político, estimulado pela imagem fotográfica (BARTHES, 1984).

Em nossas nuances fotográficas documentais, indicamos como a ontologia espacial e arquitetônica da fotografia (e arqueologia) envolve uma política de montagem. O modo como as pessoas, os instrumentos e o sítio arqueológico são organizados em relação ao propósito arqueológico e fotográfico. Ao procurar nas ruínas e nos vestígios cotidianos do passado, qualquer coisa pode ser de interesse significativo como informação, como evidência. Essa é uma atitude forense em relação ao lugar e se relaciona a evidência e testemunho em uma cena de crime, ou seja, qualquer coisa pode ser relevante. O chamado “arqueógrafo”⁵ examina qualquer vestígio procurando coletar coisas que possam ser importantes” (SHANKS e SVABO, 2013, p. 15-16).

Vale lembrar que, muito embora a fotografia como registro científico na arqueologia seja prática indispensável tanto numa escavação quanto nas análises em laboratório dos artefatos, raramente o registro é feito por fotógrafos profissionais. Tratando-se de Arqueologia, a fotografia profissional está mais ligada, pelo menos no Brasil, à produção de catálogos de coleções em ocasião de exposições ou de publicações de livros de peças arqueológicas. O que temos nas práticas de campo é atribuir essa tarefa a colaboradores mais experientes na procura de um registro mais fidedigno. Com o advento da fotografia digital e da facilidade de adquirir esses equipamentos, os registros em campo acabaram dinamizando-se, e normalmente em cada quadra a ser escavada temos colaboradores registrando continuamente todas as fases da escavação.

Apontamos duas experiências relevantes no registro arqueológico fotográfico profissional em campo no âmbito do *Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo* (MAE-USP), feito pelas mãos do experiente fotógrafo Dr. Wagner Souza e Silva, atualmente professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, e durante muitos anos fotógrafo do acervo do MAE. Uma dessas experiências foi registrar a escavação da campanha de 2005, durante duas semanas, no sítio arqueológico na Ilha do Mar Virado, Ubatuba (SP), sob a direção da falecida Dra. Dorath Pinto Uchôa. A segunda experiência foi em 2007, quando o fotógrafo esteve na Sicília⁶, Itália, e realizou o trabalho fotográfico de cidades gregas antigas, como Siracusa, que serviu de base para a montagem do documentário *Siracusa - Cidade Antiga* e do banco de imagens sobre a pólis do Laboratório

⁵ O termo “arqueógrafo” é um neologismo criado pelos autores, como um processo de formação de palavras que reflete as práticas imbricadas.

⁶ Um relato dessa experiência é descrito pelo próprio Prof. Dr. Wagner Souza e Silva em seu artigo *Entre fotografias científicas e a ciência da fotografia* (2007).

de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA), o qual pode ser consultado por pesquisadores, sob agendamento prévio, lembrando que parte dele está disponível no *Nausitoo*⁷. Parte das fotografias realizadas por ele levou à criação da exposição *A Cidade Antiga em Cena*, atualmente localizada no corredor principal do prédio do MAE.

Duas experiências, duas situações, duas abordagens diferentes. Na Ilha do Mar Virado foi registrado o cotidiano de uma escavação. O passo a passo da decapagem, a evidenciação e registro topográfico dos artefatos, as estratigrafias etc. Tirando partido da iluminação natural, do método e da técnica fotográfica, produzindo, assim, um *corpus* documental fiel a partir de um registro sistemático. Em algumas quadras foi utilizado o recurso do *timer* no registro, ou seja, a câmera posicionada em lugar fixo (com tripé) fazendo fotos de maneira automática com intervalos de tempo constante. Esse recurso trouxe resultados interessantes para as análises em gabinete. Na Sicília, o contexto foi diferente, principalmente em Siracusa foi registrada uma arqueologia do “presente”, portanto, a coexistência da cidade antiga com a cidade e seu cotidiano moderno. É bom lembrar que a técnica fotográfica tradicional, em certo sentido, foi suplantada pela tecnologia. Atualmente telefones celulares com aplicativos fazem fotos georreferenciadas de altíssima qualidade, revolucionando, assim, o registro fotográfico na *práxis* arqueológica.

ARQUITETURA E AS NOVAS TECNOLOGIAS APLICADAS EM CAMPO: FOTOGRAMETRIA (EQUIPE BRASILEIRA EM DESPOTIKO, 2017)

A fotogrametria arquitetural é uma metodologia que vem se desenvolvendo desde o século XIX e atinge precisos resultados aliada à computação gráfica. Tanto nos campos da arqueologia da arquitetura, da arquitetura, como na preservação e restauro de bens culturais, a fotografia se tornou uma ferramenta imprescindível. O seu grande trunfo é a captação e registro gráfico de uma determinada estrutura com uma aceitável precisão. Normalmente um dos maiores problemas enfrentados pelos arqueólogos ao registrar as estruturas arquitetônicas estudadas é garantir a precisão de seus desenhos. Diferentemente

⁷ O *Nausitoo* é o banco de dados que o LABECA/MAE-USP oferece ao público brasileiro em seu site labeca.mae.usp.br, que tem como objetivo divulgar um conhecimento importante sobre a formação e organização da pólis, a cidade grega antiga.

de fazer o levantamento e a representação gráfica de uma estrutura arquitetônica recente, onde as paredes são normalmente “ortogonais”, onde predomina o ângulo reto e as paredes estão a prumo, as estruturas históricas podem trazer sérias dificuldades de representação. Essas devidas a má conservação das estruturas, elementos arquitetônicos de difícil acesso, muros que não foram construídos em linhas retas, muros construídos a partir da superposição de pedras trabalhadas ou não e uma série de empecilhos a uma fiel representação gráfica.

A foto convencional não capta em uma ou várias tomadas todos os detalhes necessários para construir as plantas e as fachadas das estruturas arquitetônicas. Principalmente quando precisamos extrair as dimensões precisas do edifício, seja para um estudo ou um restauro. A captação de medidas com trena nem sempre é precisa devido às condições do local. Nesse momento a fotogrametria se apresenta como uma ferramenta de grande valia para a arqueologia, permitindo uma captação fiel dos vestígios arquitetônicos. Não só em planta e em elevações como gerando modelos tridimensionais de grande precisão. A fotogrametria tem inúmeras aplicações, não só com o registro arquitetônico, mas em diversas outras áreas do conhecimento.

A nossa experiência com a aplicação da fotogrametria se deu em 2017, nas escavações do santuário de Apolo na ilha Despotiko. A tarefa que se apresentou foi o registro das estruturas arquitetônicas que estavam sendo evidenciadas durante a missão (Fig. 4). Longe de se tratar de estruturas ortogonais e paredes a prumo nos deparamos com um conjunto de cômodos de uma estrutura maior que vinha sendo escavada com perímetro irregular e paredes compostas a partir de superposição de blocos de dimensões e formatos sem “padrão”. Por isso, adotar o método da fotogrametria foi fundamental, muito embora, a abordagem tradicional de tomada de medidas também tenha sido adotada, bem como o auxílio do programa de desenho AutoCAD. A partir de um conjunto de fotografias, sistematicamente tomadas, da estrutura que desejamos modelar utilizamos o software Agisoft Professional para processar as imagens e gerar os modelos tridimensionais (Fig. 6).



*Fig. 6. Perspectiva a partir de um modelo em 3D.
Foto: Claudio Duarte/Arquivo Pessoal (2017).*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto ao longo deste texto, procuramos trazer as experiências de campo em Despotiko (2017) de maneira a ressaltar, no registro fotográfico, as etapas do fazer arqueológico como um resgate da memória. O sítio arqueológico, enquanto paisagem inserida nos significados construídos e interpretados por arqueólogos do presente, permitiu-nos pensar a Arqueologia do Mediterrâneo no Brasil pelo viés metalinguístico, enquanto área de pesquisa construída a partir do olhar da própria disciplina. Rememorar o histórico das escavações na Grécia pela perspectiva brasileira é repensar a construção da Arqueologia Clássica no Brasil pautada em novas tecnologias, metodologias, assim como a prática arqueológica captada na fotografia, transcendendo a ilustração. Desse modo, contribui para a constituição de interpretações com pressupostos oriundos de centros não hegemônicos, resultados estes da experiência brasileira, que nos auxilia a pensar em novos caminhos para a produção do conhecimento na Arqueologia Clássica. Assim, a fotografia enquanto recurso técnico e também artístico ajuda a documentar tanto os vestígios do passado longínquo quanto da prática arqueológica, dando fundamento para perceber cada recorte visual e cada perspectiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLIKER, E. Worshipping the Divinities at the Archaic Sanctuaries on the Cyclades. In: MAZARAKIS-ANIAN, A. (Orgs.). **Les sanctuaires archaïques des Cyclades**. Rennes: PU de Rennes, 2017.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. [Tradução de Júlio Castañon Guimarães]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BONFÁ, D. Antiguidade, identidade e os usos do passado. **Revista Est. Fil e Hist. Da Antiguidade**, Campinas, v. 30, p. 11-32, jan.-dez. 2016.

CERQUEIRA, F.V. Uma trajetória de pesquisador na Arqueologia Clássica: entre música e imagem, uma Grécia múltipla. In: GRILLO, J; FUNARI, P; CARVALHO, A. (Orgs.). **Os caminhos da Arqueologia Clássica no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2013.

CONSTANTAKOULOPOLOU, C. **The Dance of the Islands: Insularity, Networks, the Athenian Empire, and the Aegean World**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FUNARI, P. P. A. Arqueologia Clássica: Considerações epistemológicas. In: BRUNO, M. C. O.; CERQUEIRA, F. V.; FUNARI, P. P., A. (Orgs.). *Arqueologia do Mediterrâneo Antigo: Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian*. Campo Grande: Life Editora, 2011.

FUNARI, P. P. A Arqueologia no Brasil e no mundo: origens, problemáticas e tendências. **Cienc. Cult.** São Paulo, v. 65, n. 2, p. 23-25, 2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252013000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2017.

KOURAYOS, Y. **Despotiko: The Sanctuary of Apollo**. Athens: Paul & Alexandra Canellopoulos Foundation, 2012.

KOURAYOS, Y. **Paros, Antiparos, Despotiko: From Prehistoric to Contemporary Times**. Paros: Paros Municipality – Tourism and Development Committee, 2015.

KOURAYOS, Y.; DAIFA, K.; PAPAJANNI, K. The Sanctuary of Despotiko in the Cyclades. Excavation 2001-2012. **Archäologischer Anzeiger**, v. 2, p. 93-174, 2012.

MAZARAKIS-ANIAN, A. (Orgs.) **Les sanctuaires archaïques des Cyclades**. Rennes: PU de Rennes, 2017.

PORTO, V. C. Questões gerais sobre Arqueologia. In: OMAR, E. El H. (Org.). **Guarulhos tem História: Questões sobre História Natural, Social e Cultural**. 1 ed. São Paulo: Amanda Gráfica e Editora, 2008.

SARIAN, H. Os caminhos de uma arqueologia clássica no Brasil. In: GRILLO, J; FUNARI, P; CARVALHO, A. (Orgs.). **Os caminhos da Arqueologia Clássica no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2013.

SHANKS, M. **The Archaeological Imagination**. London: Routledge, 2016.

SHANKS, M.; SVABO, C. Archaeology and Photography: A Pragmatology. In: GONZALÉZ-RUIBAL, A. (Ed.). **Reclaiming Archaeology: Beyond the Tropes of Modernity**. London: Routledge, 2013.

SILVA, S. F. M.; MÜTZENBERG, D. & CISNEIROS, D. Arqueologia Visual: o uso das imagens fotográficas na produção do conhecimento arqueológico e historiografia da arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 22, p. 137-156, 2012.

SILVA, W. S. Entre fotografias científicas e a ciência da fotografia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 17, p. 435-444, 2007.

SYMANSKI L. C. P. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, W. F.; MOI, F. P. (Orgs.). **Cenários regionais de uma arqueologia plural**. São Paulo: Annablume, 2009.

TRIGGER, B. **História do Pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

AGRADECIMENTOS

A participação dos arqueólogos do MAE-USP nas escavações em Despotiko deve-se à generosidade da arqueóloga Erica Morais Angliker (Universidade de Zurique), ao arqueólogo Yannis Kourayos, diretor das escavações no santuário de Apolo em Despotiko e à sua assistente Iliá Daífa. Agradecemos ao MAE-USP e ao Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga) pelo apoio logístico e Institucional. Agradecemos ao Professor Vagner Carneiro Porto (MAE-USP) por todo o apoio e divulgação do nosso trabalho. Agradecemos também à FAPESP, que possibilitou essa ida à Grécia a alguns de nós.